

# O capital financeiro na perspectiva dos clássicos: Hilferding, Lênin e Bukharin

Wolney Roberto Carvalho<sup>1</sup>  
Marcio Moraes Rutkosky<sup>2</sup>

## Resumo

Este trabalho visa apresentar uma revisão bibliográfica dos pensadores clássicos acerca da temática do capital financeiro. Primeiramente, será apresentado o olhar de Hilferding para as transformações ocorridas no capitalismo do final do século XIX, onde a concentração e centralização do capital no âmbito industrial e bancário, acompanhadas do desenvolvimento do sistema de crédito, acabaram por se concretizar no surgimento do capital financeiro. Em um segundo momento, o aparecimento e a dinâmica do capital financeiro será revista em Lênin, observando-se também sua relação com o imperialismo. Por último, o capital financeiro será objeto de análise em Bukharin, o qual o considera importante categoria para entender os desdobramentos da economia mundial na viragem do século. Entre os objetivos propostos, destaca-se a definição de capital financeiro apresentada por cada autor em suas interpretações, e sua relação com as alternativas da classe trabalhadora.

## Palavras-chave

Capital financeiro, Economia política, Capitalismo.

## 1 Introdução

O novo século XXI tem sido de intensas transformações no que diz respeito ao modo de produção capitalista. Verificam-se mudanças significativas na organização social da produção, na dinâmica da reprodução do capital e no próprio sistema de crédito que a acompanha. Os monopólios e oligopólios ampliam ainda mais o seu poder ao assumir os principais setores econômicos em nível nacional e internacional, intensificando o processo de concentração e centralização da riqueza produzida socialmente como propriedade privada dos capitalistas associados.

Essa dinâmica do capitalismo contemporâneo não é exclusividade da esfera da produção do capital. Adentra também a esfera da circulação, a qual compreende o comércio de mercadorias e o próprio comércio de dinheiro. Observa-se que tanto a produção quanto a circulação de mercadorias nos principais setores econômicos é efetuada por empresas no formato de sociedades anônimas, bem como o gerenciamento e a operacionalização do sistema de crédito. Para além disso, se evidencia um entrelaçamento entre estas grandes empresas que passam a operar não apenas num setor ou ramo econômico, mas em muitos casos, desde a esfera produtiva até a esfera financeira.

---

<sup>1</sup> Economista, Mestre em Economia e Dr. em Sociologia Política (UFSC). Professor do curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal da Integração Latino-Americana ( UNILA).

<sup>2</sup> Economista, Mestre em Economia. Professor do curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)

Segundo Borón, o poder político e econômico das grandes corporações internacionais evidencia que " As 200 maiores corporações internacionais concentram 25% do Produto Bruto Mundial. Estamos numa etapa de desenvolvimento capitalista em que se chegou a um nível de riqueza e da renda sem precedentes em toda história" (BORÓN, 2002, 01). Esse processo evidencia o papel do denominado capital financeiro como a forma mais avançada do processo de reprodução do capital, materializado no enorme fluxo financeiro nas grandes bolsas de valores e por operações especulativas de todo tipo, as quais representavam, em 2002, 95% de todo fluxo financeiro internacional.

Conforme Tavares & Belluzzo (1981), a internacionalização do capital ocorrida na década de 70 e início da década de 80 é, simultaneamente, resultado do poder do sistema manufatureiro e financeiro estadunidense. No entanto, o sistema financeiro estaria encarregado de expandir o crédito e a acumulação através da especialização e diferenciação das instituições financeiras. Desse modo, "... o predomínio do capital financeiro na organização do capitalismo monopolista, referida por Marx, acaba resultando no controle sobre o capital produtivo, independentemente da forma que esse controle possa assumir ou da forma morfológica que a grande empresa adote em suas estratégias de expansão". (TAVARES & BELLUZZO, 1981, 40)

Chesnais (2003) destaca que o mercado financeiro bancário e não-bancário passou a exercer uma forte pressão sobre a indústria, e ocorreu uma interpenetração entre o capital da finança (fundos de investimentos, fundos de pensão, grandes bancos) com o capital industrial. Assim, "a forma alemã de interconexão entre os bancos e a indústria, desvendada por Hilferding por meio do arquétipo do capital financeiro, aparece hoje como uma espécie de "idade de ouro" das relações entre o capital-dinheiro concentrado e a indústria" (2003, p. 50).

Para Figueiredo (1997), se a "teoria do capital financeiro" apresentada por Hilferding tinha como objetivo constatar as características evolutivas do capitalismo na transição entre o século XIX para o século XX, na atualidade esse aporte é imprescindível para explicar a globalização, pois "Nos dias presentes, a força das organizações financeiras é algo que se apresenta muito claramente, e a percepção correta das inter-relações e da interdependência que se estabelecem entre os setores ditos produtivos e o setor denominado financeiro constitui elemento-chave para a compreensão de todo o processo econômico" (1997, 2).

Portanto, tendo em conta a relevância da temática acerca do capital financeiro, o que se pretende nesse artigo é fazer um esboço sobre o tema partindo das abordagens clássicas. Num primeiro momento será exposto uma revisão sobre a obra "O capital financeiro" de Hilferding. Posteriormente, a dinâmica do capital financeiro será revista na obra "O imperialismo, fase superior do capitalismo" de Lênin, e finalmente, o capital financeiro será objeto de destaque na obra de Bukharin "A economia mundial e o imperialismo". Isso nos permitirá constatar, entre outras coisas,

que o referido conceito depois de apresentado por Hilferding em 1910, foi reproduzido por Bukharin em 1917 e Lênin em 1916.

## 2 O capital financeiro em Hilferding<sup>3</sup>

*...torna-se necessário perceber que Hilferding se preocupa em atualizar Marx (diga-se desta forma), desde logo em dois pontos, que reputa fundamentais: a concentração bancária vis-à-vis a extensão do crédito (o que passa, inclusive, pela atuação do Estado na emissão monetária e no controle do crédito) e a transformação do capitalista industrial em um misto de capitalista monetário. E a citada "atualização" é para ele essencial por se tratarem, a seu juízo, de fenômenos vislumbrados por Marx, mas observados apenas no início da sua generalização no interior do sistema capitalista. Esta preocupação de Hilferding com a absorção de situações novas e concretas do capitalismo à luz do marxismo, já frisada anteriormente ao longo desse trabalho, pode ser vista também como uma tentativa de "reorganizar" o fio de raciocínio de Karl Marx, tal como se encontra no tomo III de "O capital". E não será por outro motivo que Bourdet salienta o fato de que, "...nos países de língua alemã, a obra de Rudolf Hilferding foi muitas vezes considerada como o quarto volume de "O capital", de Marx".<sup>4</sup> (Figueiredo, 1997, p.18.) (grifo nosso)*

O desenvolvimento histórico do modo de produção capitalista, engendra a necessidade daquilo que Marx (2008) denominou uma das mais poderosas alavancas da acumulação: o crédito. Para Hilferding (1985), esse aparece inicialmente como crédito de circulação já nos princípios do século XVI, – moeda fiduciária: notas promissórias e letras de câmbio - o qual, na medida em que aumenta a reprodução do capital, dinamiza o maior volume de mercadorias que entram na esfera de circulação, economizando com isso capital monetário.

Todavia, o papel assumido pelo crédito na dinâmica da reprodução capitalista aumenta quando parte do capital que se reproduz, tem de procurar aplicação. Neste sentido, analisando-se o processo de rotação do capital – compreendendo por sua vez as duas fases da circulação e a fase da produção –, constata-se a não utilização em sua totalidade, de parte do capital adiantado pelo capitalista no processo produtivo. Isto ocorre, por exemplo, com o montante de dinheiro a ser utilizado na compra da força-de-trabalho, com parte do capital fixo que se deprecia e é incorporado ao capital circulante, sendo entesourado para posteriormente adquirir-se uma nova máquina ou instalação.

Eis o surgimento da nova função do crédito: o crédito de capital ou crédito de investimento. Num primeiro momento, os próprios capitalistas atuantes na esfera produtiva do capital emprestam somas de capital monetário ocioso a outros capitalistas. Mas, tão logo o sistema bancário assume a sua função dentro do modo de produção capitalista, a cessão do crédito de capital torna-se função especial dos próprios bancos, que visando auferir lucros através do empréstimo ou da cessão do

---

<sup>3</sup> Obra publicada em 1910.

<sup>4</sup> A parte sublinhada foi extraída por Figueiredo de Bourdet, 1970, p.39.

capital monetário ocioso, concentram grandes massas de capital monetário em espera para ser relançado no processo de reprodução proveniente de todas as classes sociais.

Nesse sentido,

Pelo que vimos até aqui, o banco atua primeiramente como mediador da circulação de pagamentos que ele amplia pela concentração dos pagamentos e pela eliminação das discrepâncias regionais; vimos a seguir que ele cuida da transformação do capital monetário ocioso em capital ativo, capital que o banco recebeu, concentrou e distribuiu, reduzindo, assim, ao respectivo mínimo o necessário para a rotação do capital social. Veremos agora que o banco assume uma terceira função, de juntar as entradas de dinheiro de todas as outras classes e de colocar à disposição da classe capitalista sob a forma de capital monetário. Dessa forma, afluem aos capitalistas, além de seu próprio capital monetário (que os bancos administram), também o dinheiro ocioso de todas as outras classes, visando seu emprego produtivo. (HILFERDING, 1985, p. 93)

Portanto, em termos gerais, a busca pelo lucro corresponde assim ao juro auferido pelo empréstimo do capital monetário próprio e ao diferencial entre os juros recebidos pela concessão dos empréstimos de capital monetário depositado e os juros pagos aos depositantes. É importante salientar que, tanto o nível da taxa de juros cobrada nos empréstimos quanto o nível da taxa de juros utilizada para o pagamento do rendimento aos clientes depositantes, em geral serão resultado da concorrência entre os bancos.

Contudo, os bancos sempre procuram aumentar o capital próprio, pois esse aumento permite participar mais ativamente da cessão do crédito de capital a grandes empresas na forma de sociedades anônimas, bem como, adquirir ações – como títulos de investimento, os quais ficam em suas mãos - para participar das decisões futuras da empresa ou mesmo adquirir ações para a mera busca da valorização através da especulação na bolsa de valores. Mas, tal aumento de capital não se concretiza apenas com base nos ganhos dos bancos acumulados para posterior empréstimo. Os próprios bancos passam a se converter em sociedades por ações e, uma parte dos outrora depositantes, acaba por comprar parte das ações desses bancos, aumentando assim o capital próprio dessas instituições.

Nessa direção, uma vez aumentado o capital próprio via emissão de ações, os bancos passam a ter disponível um capital próprio aumentado, e com isso se abrem as possibilidades de aumentar o crédito de circulação e o crédito de capital, mas para além disso, os bancos têm agora a possibilidade de adquirir uma quantidade maior de ações do capital industrial.

Ao invés dos capitalistas monetários particulares investirem seu dinheiro em ações industriais, investiram-no em ações bancárias, e o banco, ao comprar ações industriais, o transformou em capital industrial... E assim existe a tendência de transformar o capital monetário disponível dos particulares primeiramente em capital bancário nas maiores proporções possíveis e, depois, este, em capital industrial. Com isso, teve lugar uma duplicação do capital fictício. O capital monetário é ficticiamente transformado no capital de ações bancárias e, com isso, passa a ser, na verdade, propriedade do banco; esse capital bancário é agora transformado ficticiamente em ações industriais e, na realidade, em

Deve-se atentar também que os ganhos dos bancos serão resultado de ganhos especulativos da compra e venda de ações, dos lucros de fundador<sup>5</sup>, dos lucros diferenciais no mercado bursátil, da cessão do crédito de circulação e do crédito de capital. E esses ganhos serão tanto maiores quanto maiores as fases de crescente prosperidade, em especial porque a atividade do capital industrial é intensa e requer forte atuação bancária.

### **Da transformação do capital monetário ocioso em capital financeiro**

Como é sabido, a tendência do capital industrial é a cartelização ou o aparecimento da fusão, união, as quais resultam na formação dos trustes e monopólios. Quanto maior a posição de monopólio, assumida pelos cartéis ou pelas grandes sociedades anônimas, maiores os lucros extraordinários. Assim, esse movimento de união, ocorrido entre as empresas situadas na esfera do capital industrial, interessam cada vez mais ao sistema bancário, o qual tem como objetivo participar dos ganhos da posição de monopólio dessas empresas, tanto ofertando o crédito de circulação e o crédito de capital, quanto participando diretamente do capital industrial através da aquisição de ações.

Note-se que o objetivo dos bancos, como o de qualquer empreendimento capitalista, é auferir a maior taxa de lucro com relação ao capital com o qual opera. Nesse sentido, o banco privilegiará as operações de crédito de capital bem como a aquisição e comercialização de ações, seja com o objetivo de tornar-se acionista majoritário de uma grande sociedade anônima ou mesmo receber os lucros de fundação e a especulação com o comércio de ações.

Portanto, passa a ocorrer um forte entrelaçamento entre as grandes sociedades anônimas e os grandes bancos. Para que se estabeleçam relações seguras de cessão do crédito ou se tenha informações relevantes sobre a situação da empresa, o que se reflete no preço em que são comercializadas as ações, os grandes bancos, quando possível, procuram participar dos conselhos fiscais e administrativos dessas sociedades anônimas<sup>6</sup>.

Mas, o entrelaçamento maior entre o capital industrial concentrado e os grandes bancos ocorre quando estes últimos transformam parte do capital monetário ocioso, que é composto pelos depósitos de terceiros e em especial pelo capital próprio do banco, em capital industrial que se

---

<sup>5</sup> Ganho auferido pelo capitalista fundador como resultado da transformação do capital produtor de lucro, na forma da taxa de lucro médio, em capital portador de juros, na forma da taxa de juros média, utilizada para a capitalização do preço das ações da empresa.

<sup>6</sup> Quando da cessão do crédito de capital, ou seja, o empréstimo do capital monetário ocioso a uma grande empresa, nem sempre é relevante participar diretamente na gestão desta. Mas, quanto maior a posição de monopólio assumida pela empresa tomadora do capital de empréstimo, maior a garantia e segurança obtida pelo grande banco no fornecimento do capital monetário ocioso como crédito de capital, em especial porque os riscos de falência dos prestatários são minimizados pela ausência de concorrência e estabilidade maior dos lucros.

materializa na compra de ações das empresas do ramo industrial. Eis o surgimento do capital financeiro. Ao deter parte das ações do capital industrial, o capitalista financeiro torna-se proprietário de títulos que lhes conferem o direito a uma quota-parte do lucro, o chamado rendimento.

Assim, para Hilferding:

A dependência da indústria com relação aos bancos é, portanto, consequência das relações de propriedade. Uma porção cada vez maior do capital da indústria não pertence aos industriais que o aplicam. Dispõem do capital somente mediante o banco, que perante eles representa o proprietário. Por outro lado, o banco deve imobilizar uma parte cada vez maior de seus capitais. Torna-se, assim, em proporções cada vez maiores, um capitalista industrial. ***Chamo de capital financeiro o capital bancário, portanto o capital em forma de dinheiro que, desse modo, é na realidade transformado em capital industrial. Mantém sempre a forma de dinheiro ante os proprietários, é aplicado por eles em forma de capital monetário – de capital rendoso – e sempre pode ser retirado por eles em forma de dinheiro...*** O capital financeiro desenvolveu-se com o desenvolvimento da sociedade anônima e alcança o seu apogeu com a monopolização da indústria. O rendimento industrial ganha caráter contínuo e seguro; com isso a possibilidade de investimento de capital bancário na indústria ganha extensão cada vez maior (1985, p. 219. **(grifo nosso)**)

Note-se, quanto maior o número de ações em seu poder, maior a influência exercida junto aos destinos da reprodução do capital industrial. Por isso, os grandes bancos procuram, sempre que possível, a posse de uma quantidade de ações suficiente para lhes conferir o poder de acionista majoritário. Nomeiam, para tanto, executivos especializados para atuarem nos conselhos fiscais e administrativos dessas empresas.

Com isso também conseguem ter o privilégio de estarem a par dos lucros futuros, os quais se refletem nos rendimentos das ações e em seus preços – rendimento capitalizado.

Por último, se faz relevante observar a existência de uma diferença fundamental entre a Inglaterra, a Alemanha e os Estados Unidos concernente ao surgimento do capital financeiro. Com base em Hilferding (1985), no primeiro país, como a crescente acumulação de capital acontece principalmente nas empresas individuais, vinculadas em primeiro plano à indústria têxtil, exigindo uma baixa composição orgânica do capital, parte da mais-valia era reinvestida nessas empresas e parte ficara entesourada nas mãos desses capitalistas individuais. Por outro lado, os próprios bancos que recebiam como depósitos parte dessa mais-valia entesourada pelos capitalistas industriais e concediam em especial o crédito de circulação, eram do mesmo modo, em geral, propriedade privada, e por isso mesmo o entrelaçamento dos bancos com a indústria, próprio do capital financeiro, não se configurara. Exemplo disso é o setor de transportes, onde aparecem as primeiras sociedades anônimas na Inglaterra, as quais têm como acionistas na sua maioria, esses capitalistas industriais.

Já na Alemanha e nos Estados Unidos o próprio protecionismo do final do século XIX contribuíra para que as associações monopolistas – cartéis e trustes – se configurassem na indústria

pesada nacional, e desde o seu princípio o capital bancário fora um forte aliado, em especial porque nesses países não existira capital acumulado nas mãos de indivíduos, para permitir a constituição de empresas com elevada composição orgânica. Desse modo, as sociedades anônimas nos mais diversos setores – em especial no produtor de bens de capital e bens de consumo duráveis –, nascerá de um forte entrelaçamento entre o capital bancário e o capital industrial, ademais, os próprios bancos já nascem como sociedades anônimas. Nesse sentido, o protecionismo, antes utilizado como um instrumento para dar força à indústria nascente, converte-se em mola propulsora para o próprio capital financeiro *in status nascendi* auferir um lucro extra no mercado interno.

Não o país de livre-comércio, a Inglaterra, mas sim os países protecionistas, a Alemanha e os Estados Unidos, tornaram-se modelos de desenvolvimento capitalista, quando se admite, como critério, o grau de centralização e concentração do capital, portanto, o grau de desenvolvimento dos cartéis e trustes, o domínio do banco sobre a indústria, numa palavra, a transformação de todos os capitais em capital financeiro. (HILFERDING, 1985, p. 286)

Veja-se aqui, como o *status* de monopólio, nas diversas indústrias, ao proporcionar um lucro extra, acaba por aumentar as massas de capital acumulado destinado aos bancos, por outro lado, esse capital agora concentrado nos bancos na forma de capital monetário, crédito de capital disponível para empréstimo, ao diminuir a taxa de lucro nas indústrias não cartelizadas, cria a necessidade da busca por novos mercados para o empréstimo ou mesmo a aplicação direta do capital monetário acumulado; para Hilferding (1985), é quando se aprofunda a exportação de capitais, própria do desenvolvimento do capitalismo.

## **O capital financeiro e sua política econômica**

Na medida em que as associações monopolistas se fortalecem em solo nacional, ancoradas em especial pelo protecionismo, a escala de produção exige sempre que parte das mercadorias produzidas seja escoada para o mercado exterior, onde são vendidas a preço de mercado internacional<sup>7</sup>. Assim, é chegado um momento em que ao lado da exportação de mercadorias torna-se regularidade a exportação de capitais. A exportação de capital pode se dar de duas formas. A primeira é exportação de capital monetário na forma de capital de empréstimo. Os devedores aparecem na figura de industriais, comerciantes, banqueiros e até mesmo do próprio Estado, e os países credores, os quais cedem o capital monetário de empréstimo, acabam por se apropriar de uma parte dos lucros auferidos por esses setores, bem como, de parte das receitas dos Estados-nação da

---

<sup>7</sup> Ademais, quanto maior o lucro extra em solo nacional, maiores as possibilidades de vencer a concorrência no mercado internacional, pois parte desse lucro extra permite ao cartel ou truste, vender as mercadorias a preços mais baixos dos vigentes internacionalmente, pelo menos durante um tempo, almejando uma maior fatia desse mercado.

periferia<sup>8</sup>.

A segunda forma de exportação de capitais, manifesta-se com a exportação de capital monetário destinado à produção de bens de consumo duráveis e bens de produção nos países estrangeiros. Tão logo a concorrência no mercado mundial vai se acirrando, a exportação de capital volta-se para o domínio das fontes de matérias-primas no estrangeiro. Essas matérias-primas acabam por ser exportadas ao país natal, e uma vez dominadas as fontes na forma de associação monopolista agora no estrangeiro, o resultado é, por um lado, lucro extra quando as mercadorias são vendidas diretamente no mercado nacional ou mesmo internacional, e por outro, uma redução nos preços de custo para o comprador, quando a empresa exploradora de determinada fonte de matéria-prima é uma sucursal de uma associação monopolista com sede em país de capitalismo avançado<sup>9</sup>.

Hilferding (1985) também destaca que a exportação de capital, em especial na Alemanha e Estados Unidos, nasce amparada pelo ente político, e isso é tanto mais necessário quanto maior é a concorrência entre as associações monopolistas dos países de capitalismo avançado por novos espaços no estrangeiro<sup>10</sup>.

Eis a manifestação do fim do liberalismo econômico. Surge assim o imperialismo. Este, passa a ser a expressão do fortalecimento do capital financeiro no espaço internacional, fortalecimento só possível de concretização na medida em que a própria estrutura do ente político – a burocracia estatal, o exército, a marinha, a diplomacia... – está à sua disposição para acumulação incessante do capital em qualquer parte do mundo, pois,

Finalmente, a política do capital financeiro significa uma expansão mais enérgica e permanente busca de novas áreas de investimento e de novos mercados. Mas, quanto mais rapidamente o capitalismo se estenda, tanto mais longa será a época de prosperidade e tanto mais curta a crise. A expansão é o interesse comum de todo o capital e, na época do protecionismo, ela somente é possível por meio do imperialismo. (HILFERDING, 1985, p. 322)

## O capital financeiro e as classes sociais

O capital financeiro, ao expandir-se como ideologia imperialista, converte-se na

---

<sup>8</sup> Adiciona-se aqui, o fato de a essa cessão do capital de empréstimo ser em geral efetuada com a condicionalidade de o país recebedor do crédito – no caso de ser crédito para compra de bens de produção por parte dos capitalistas industriais, ou mesmo para criação de infraestrutura por parte do Estado, como a implantação de redes ferroviárias – adquirir parte, em alguns casos a totalidade, das mercadorias procedentes do país credor.

<sup>9</sup> Atente-se para o fato de ser a dependência dos países economicamente mais fracos, reforçada. Primeiro, quando se tornam devedores do capital de empréstimo e têm de remeter parte do lucro ao exterior; segundo, na medida em que o capital estrangeiro passa a ser o proprietário das principais empresas atuantes na produção de bens de consumo duráveis e bens de produção; terceiro, no momento em que as fontes de matérias-primas convertem-se em propriedade de associações monopolistas dos países mais desenvolvidos. Retarda-se dessa maneira, a possibilidade da acumulação capitalista ser utilizada por esses países de capitalismo incipiente, pois as associações monopolistas estrangeiras tendem a transformar esses países e suas principais indústrias em setores, os quais manifestam desde o princípio a concentração e a centralização do capital.

<sup>10</sup> Tanto na cessão do capital monetário acumulado, como capital de empréstimo, e mesmo quando esse passa a ser utilizado no âmbito do capital industrial, comercial ou bancário com o surgimento de uma nova empresa no exterior, o capital financeiro necessita de garantias que vão desde o acesso a uma força de trabalho minimamente qualificada, garantias institucionais na defesa da propriedade capitalista, e até de privilégios e concessões especiais limitantes da concorrência com outras associações monopolistas oriundas do exterior. A atuação diplomática junto aos países mais atrasados, sempre com o intuito de garantir as melhores condições de reprodução do capital, torna-se imprescindível.



possibilidade de ascensão da classe média, a qual possui maior grau de escolaridade e os melhores quadros técnicos necessários para a reprodução do capital. Esta última, aspira tornar-se proprietária de frações do grande capital, e apesar de na maioria das vezes apenas vender uma força de trabalho melhor qualificada, odeia ser considerada como classe trabalhadora, proletária. É em geral favorável ao uso da força pelo Estado, para manutenção da ordem, e em qualquer reação da classe trabalhadora frente às suas mazelas, posiciona-se quase sempre a favor do capital financeiro. Para além disso, parte dos quadros oriundos da classe média acabam exercendo a direção das grandes sociedades anônimas<sup>11</sup>. Mas, o próprio imperialismo acaba em muitos países, por converter-se pouco a pouco, em fator de união nacional e credo contra o antagonismo de classes, pois na medida em que o capital financeiro exporta e importa mercadorias, capitais e conquista novos mercados, isso possibilita uma expansão das bases do capitalismo no próprio solo nacional, no mercado interno, acabando por se refletir – em geral apenas no curto prazo – aparentemente numa diminuição das mazelas que rondam a classe trabalhadora.

É importante observar o fato da classe trabalhadora, ao longo da história do capitalismo, ter se organizando através dos sindicatos para diminuir o grau de exploração. Para Hilferding (1985), os sindicatos não têm poder para acabar com a exploração, e ao lutar por melhores salários – o que acaba por se refletir na taxa de lucro de um ramo –, apenas conseguem minimizá-la. Acabar com a exploração da classe operária significa lutar contra o Estado, o qual representa a organização do poder da burguesia, mas tal luta deve ser empreendida cada vez mais por meio de um partido político operário independente – tendo a ação sindical como complementar –, o qual deverá ter por pressuposto a representação dos interesses do proletariado, em sua totalidade, numa luta contra a sociedade burguesa.

Nesse sentido, na medida em que o capital financeiro se expande, as associações monopolistas se ramificam para os principais setores econômicos da sociedade, e por isso mesmo, a política dos operários, através de seu partido independente, deverá voltar-se para a conquista do poder do Estado, somente através do qual desapropriará a burguesia definitivamente dos ramos de produção mais importantes.

Portanto:

De acordo com sua tendência, o capital financeiro significa a criação do controle social da produção. Mas trata-se de uma socialização em forma antagônica; o domínio da produção social permanece nas mãos de uma oligarquia. A luta pela desapropriação dessa oligarquia constitui a última fase da luta de classes entre a burguesia e o proletariado. A função socializadora do capital financeiro facilita extraordinariamente a superação do capitalismo. Tão logo o capital financeiro tenha colocado sob seu controle os ramos mais importantes da produção, basta que a sociedade se aproprie do capital financeiro por meio

---

<sup>11</sup> Vale destacar como Hilferding entende que: “Ademais, com a consolidação das sociedades anônimas, os cargos mais bem remunerados tornam-se cada vez mais monopólio da camada de grandes capitalistas, a perspectiva de fazer carreira fica absolutamente reduzida” (1985, p. 326). Não há concordância com o autor nesse ponto, pois entende-se que com o advento das sociedades anônimas, desaparece por completo a figura do dirigente capitalista no âmbito do processo de reprodução do capital, ficando esse processo única e exclusivamente sob a responsabilidade dos trabalhadores. Isto é detalhado em Carvalho (2011) na parte em que é apresentado a definição de capital produtor de juros no mais alto grau.

de seu órgão consciente de execução, o Estado, conquistado pelo proletariado, para dispor imediatamente dos ramos de produção mais importantes. (HILFERDING, 1985, p. 343-344)

### 3 O capital financeiro em Lênin <sup>12</sup>

Para Lênin (1985), a dinâmica da reprodução do capital vem acompanhada da concentração e centralização do próprio capital, tornadas mais visíveis a partir da segunda metade do século XIX.

Assim sendo, isso se ratifica quando se observa o apogeu da grande indústria na Inglaterra, Alemanha e nos Estados Unidos. No segundo país em 1907,

De um total de 3.265.263 empresas, o número de grandes empresas é de 30.588, ou seja, somente 0,9%. Elas empregam 5,7 milhões de operários num total de 14,4 milhões, ou seja, 39,4 %; elas consomem 6,6 milhões de cavalos-vapor num total de 8,8 milhões, isto é, 75,3% e 1,2 milhões de *kilowatts* de eletricidade para um total de 1,5 milhões, ou seja, 77,2%. (LÊNIN, 1985, p. 16)

Fenômeno análogo, pode-se constatar nos EUA, que em 1904 apresentava um percentual de 0,9% do total de empresas (216.180) existentes naquele país como sendo empresas de grande porte e empregavam 25,6% (1,4 milhões) do total de trabalhadores (5,5 milhões). Assim, conforme Lênin (1985), essas empresas também eram responsáveis por um volume de produção de 5,6 bilhões, (38%) de um total de 14,8 bilhões. Mas em 1909 esses números eram ainda mais expressivos, e 1,1% das empresas (3060 empresas) tinham um volume de produção de 9 bilhões, cerca de 43,8% do volume total de 20,7 bilhões.

Desde já se pode inferir que, o aumento dos monopólios e oligopólios nas mais diversas indústrias, é simplesmente o resultado da própria concorrência entre os capitais, ou visto de outro modo, da própria dinâmica da acumulação assumida depois do breve período de livre concorrência.

Assim, Lênin, amparando-se na obra “O capital” de Marx, entende que o movimento histórico do capitalismo permite perceber “...que a livre concorrência gera a concentração da produção, a qual atingindo um certo grau de desenvolvimento, conduz ao monopólio” (1985, 20). O surgimento dos monopólios é resultado do esgotamento da fase livre-concorrencial, a qual atinge seu apogeu e esgotamento entre 1860 e 1880. Acompanha esse aparecimento dos monopólios a formação de cartéis, convertida numa regularidade do próprio cotidiano econômico inglês – e no início do século XX nos EUA e na Alemanha - em diversos setores, como na indústria mineira e na siderúrgica, e tanto mais rapidamente e com mais força, quanto mais aparecem as crises de superprodução no capitalismo.

Conforme Lênin (1985), o mesmo ocorria na Alemanha, onde já em 1896 existiam 250

---

<sup>12</sup> O texto “O imperialismo: fase superior do capitalismo” considerado um dos clássicos sobre a temática do capital financeiro foi publicado em 1916.

cartéis e em 1905 esse número atingira a cifra de 385, agregando 12.000 estabelecimentos. Por outro lado, nos EUA o número de trustes fora de 185 em 1900 e 250 em 1907. Note-se, de acordo com o autor, sob o controle e comando desses trustes e cartéis encontravam-se de 70% a 80% da produção total.

Dessa maneira, ao se estabelecerem os cartéis e trustes em determinadas indústrias, a livre concorrência vai sucumbindo, e isso acontece em especial porque as empresas pequenas são absorvidas pelas empresas participantes do cartel ou são suprimidas pela concorrência estabelecida com o próprio cartel. Mas, uma vez estabelecido o cartel, as grandes empresas são obrigadas – sob o risco de terem de concorrer com o cartel – a participarem do mesmo, uma vez que, este tem poder para controlar a fonte das matérias-primas, meios de transporte, a mão-de-obra, as vendas, assim como os próprios preços. Essas variáveis são assim manipuladas, para o benefício exclusivo dos participantes do cartel, solucionando as necessidades da própria dinâmica da acumulação dessas grandes empresas.

Quanto às pequenas e médias empresas, sua gênese e espaço de atuação, após a segunda metade do século XIX, vai se restringindo às fases de prosperidade econômica bem como a alguns nichos de mercado específicos, os quais ainda não são rentáveis para a grande empresa ou para o cartel.

Assim sendo, a concentração e centralização do capital, converte-se em regularidade no âmbito do capital industrial, e isso é tanto mais evidente quanto mais se desenvolve o modo de produção capitalista a partir da segunda metade do século XIX na Inglaterra, na Alemanha e nos Estados Unidos e outros países como França, Itália e Japão.

Porém, esse movimento inerente ao modo capitalista de produção, o qual conduz à concentração e centralização do capital, não é exclusividade da esfera do capital industrial. Aparece também junto à esfera de atuação dos bancos.

Assim,

[...] a função essencial e inicial dos bancos é a de intermediários nos pagamentos. Realizando-a, eles transformam o capital-dinheiro inativo em capital ativo, isto é, criador de lucro, e reunindo os diversos rendimentos de toda espécie, eles colocam-nos à disposição da classe dos capitalistas. (LÊNIN, 1985, p. 30)

Conforme Lênin (1985), a função de prestamista do capital-dinheiro em poder dos bancos é efetuada a partir dos depósitos efetuados por todas as classes e suas categorias. No entanto, o próprio sistema bancário vai assumindo uma estrutura onde a concentração e a centralização desse capital-dinheiro vai se consolidando como regra. Isso pode ser constatado de acordo com o autor, na análise efetuada por Schulze-Gaevernitz, o qual constata em suas pesquisas como os grandes bancos berlinenses controlavam no ano de 1904, 11,3 bilhões de marcos, e participavam direta e

indiretamente em 87 outros bancos.

Fenômeno análogo ocorrera na Inglaterra e na França. Segundo Lênin (1985), na Inglaterra em 1910 os 4 grandes bancos possuíam mais de 400 sucursais cada um e na França, os 3 maiores bancos – *Crédit Lyonnais*, *Comptair National* e *Société Générale* –, indicavam tendência semelhante, pois em 1870 possuíam 64 sucursais e em 1909, um crescimento extraordinário de 1229 sucursais e caixas de depósitos.

Contudo, para além da concentração do capital na esfera bancária o que se evidencia é a tendência para o surgimento dos monopólios. Assim, os grandes bancos, ao reunirem a pleora de capital-dinheiro das mais diversas categorias e suas respectivas classes, passam a obter informações sobre a situação financeira de seus clientes. É nesse sentido que os bancos passam a se interessar pelas empresas e ramos mais rentáveis, num primeiro momento como *locus* para concessão do crédito do capital-dinheiro de empréstimo, mas tão logo se aprofunda o relacionamento dos bancos com essas grandes empresas que atuam nos setores mais rentáveis, destaca Lênin (1985), o segundo passo adotado pelos bancos é a aquisição das ações dessas empresas, bem como, a participação em seus conselhos de administração.

Aparece a união formal entre os bancos e as empresas atuantes na esfera industrial e comercial. E quanto maior a influência dos bancos junto às grandes empresas, tanto maior a participação dos bancos nas decisões sobre as estratégias de acumulação de capital dessas, pois os próprios bancos passam a criar diretorias especializadas em diversos ramos industriais – mineração, cervejarias, indústria química, ferroviária, transporte marítimo, siderúrgica, transporte marítimo... no grande comércio por atacado -, facilitando os conhecimentos sobre a área de atuação empresarial e aumentando, com isso, a busca pelo entrelaçamento com estas.

Os diretores dos grandes bancos passam a fazer parte dos conselhos fiscais e de administração de diversas empresas das quais são acionistas, no entanto, pouco a pouco esse fenômeno de entrelaçamento entre banco-empresa dá-se no sentido inverso e as grandes empresas passam a adquirir ações, e também participarem dos conselhos fiscais e de administração dos próprios bancos. Isto, de acordo com Lênin, ratifica o seguinte: "...o séc. XX marca o ponto de partida de viragem em que o antigo capitalismo deu lugar ao novo, em que o domínio do capital financeiro substituiu o domínio do capital em geral." (1985, p. 45).

Entretanto, há de se observar como Hilferding demonstra o aparecimento do capital financeiro como resultado da interpenetração dos bancos com a indústria, mas não destaca o capital financeiro como produto da tendência ao monopólio, fator crucial para Lênin.

Nesse sentido<sup>13</sup>,

‘Uma parte, sempre crescente, do capital industrial, escreve Hilferding, não pertence aos industriais que o utilizam. Estes últimos só alcançam a sua disponibilidade através dos canais do banco que é, para eles, o representante dos proprietários deste capital. Por outro lado, ao banco impõe-se investir na indústria uma parte cada vez maior, dos seus capitais. E, assim, o banco torna-se, cada vez mais, um capitalista industrial. A este capital bancário – isto é, a este capital-dinheiro – que, assim se transforma em capital industrial, eu dou o nome de ‘capital financeiro’. O capital financeiro é, portanto, um capital que os bancos dispõem e que os industriais utilizam.’

Esta definição é incompleta na medida em que silencia um fato da mais alta importância, a saber, a concentração da produção e do capital, a tal ponto desenvolvida que ela dá e já deu origem ao monopólio. Porém, toda a exposição de Hilferding, em geral, e mais particularmente os dois capítulos que precedem aquele de onde retiramos esta definição, salientam o papel dos *monopólios capitalistas*.

Concentração da produção tendo como consequência os monopólios; fusão, ou interpenetração dos bancos com a indústria, eis a história da formação do capital financeiro e o conteúdo desta noção. (LÊNIN, 1985, p. 46) **(grifo nosso para destacar a parte citada de Hilferding)**

Dessa maneira, é inerente ao capital financeiro, segundo Lênin (1985), as características próprias da monopolização, cartelização, concentração e centralização tanto do setor industrial como do setor bancário, juntamente com características peculiares da sua própria categoria. Para além de coordenar as atividades no sistema bancário, esses grandes bancos entrelaçados com as grandes empresas passam também a coordenar as atividades de diversos ramos industriais. É nesse cenário que aparece um novo formato de empresa capitalista, na contemporaneidade conhecida por *holding*. O capital financeiro assim compreende uma estrutura que abarca, desde um grande banco e sua ramificação para bancos menores, como a ramificação para um ou mais ramos industriais. Surge aí uma complementaridade entre as atividades creditícias exercidas pelos bancos com a oportunidade de investimentos em ramos industriais rentáveis, de forma que as empresas atuantes na indústria e pertencentes ao grande grupo coordenado pelo capital financeiro têm acesso privilegiado ao crédito de capital-dinheiro de empréstimo, ou seja, como se viu, capacitam-se sob o acompanhamento de diretores designados pelos bancos para um melhor acompanhamento da estratégia de negócios.

Mas é importante destacar como o controle do capital financeiro sobre essas empresas, as quais passam de algum modo a estarem subordinadas sob sua coordenação, dá-se em especial nas sociedades anônimas. Para obter o controle destas basta adquirir 51% das ações, sendo em muitos casos nos quais as ações – que representam a propriedade do capital - estão mais pulverizadas, ser o controle exercido obtendo-se apenas 20% do capital acionário, e em alguns casos até menos.

Além disso, também em épocas de crise e depressão tem-se a falência de diversas pequenas

---

<sup>13</sup> A parte sublinhada da citação é para destacar a definição de capital financeiro que Lênin extrai da obra de Hilferding. Note-se logo abaixo, como Lênin retifica a definição de Hilferding dizendo que essa é insuficiente por não incluir explicitamente na definição do capital financeiro o surgimento dos monopólios capitalistas.

e médias empresas; quando estas estiverem atuando em setores tidos como rentáveis para o capital financeiro, passam a ser saneadas ou mesmo adquiridas. E mesmo em empresas maiores com dificuldades financeiras, ocorre a fusão ou aquisição.

Percebe-se, que o capital financeiro torna-se a expressão do fracasso da livre concorrência, pois os monopólios, os cartéis e trustes se tornam regularidade nos principais setores da indústria, bem como na esfera bancária. Isto é simplesmente a expressão do desenvolvimento histórico do modo de produção capitalista.

De acordo com Lênin,

[...] o capital financeiro, concentrado em algumas mãos e exercendo um monopólio de fato, obtém da constituição de firmas, das emissões de títulos, dos empréstimos ao Estado, etc., enormes lucros, cada vez maiores, consolidando o domínio das oligarquias financeiras e onerando toda a sociedade com um tributo em benefício dos monopolistas (1985, p. 52)

O próprio capital financeiro passa a ser a expressão da separação entre uma oligarquia financeira – que apenas se apropria de rendimentos através da posse de títulos em geral ou mesmo ações – e os gestores do capital. Adiciona-se a isso o fato de, nos países onde o capitalismo está mais desenvolvido, como Inglaterra, Estados Unidos e Alemanha, essa oligarquia financeira acaba, depois de constituídos os monopólios tanto na indústria como na esfera bancária, exportando parte dos capitais para outros países menos desenvolvidos.

É que a acumulação de capital sempre acaba por aumentar a escala de produção, e esta última aumenta tanto mais quanto maior vem a ser a atuação do capital financeiro, nos principais setores financeiros-bancários, como nos diversos ramos industriais. Nesse sentido, para Lênin (1985), à medida que a união e a fusão dos grandes bancos com a grande indústria se generaliza e trazem consigo o aparecimento dos monopólios, é chegado um momento no qual o próprio espaço do Estado nacional apresenta-se limitado para a continuidade do processo de reprodução do capital. Num primeiro momento, a dinâmica da reprodução capitalista determinara a exportação de mercadorias como necessidade, e mesmo com a primazia do capital financeiro, a exportação da pletora de capital-dinheiro para outros países, impusera-se como uma estratégia temporária, mas, logo em seguida, converte-se em regularidade.

Assim, para o capital financeiro da Inglaterra, Estados Unidos, Alemanha e França, exportado para o exterior com objetivo de participar diretamente da produção, apresenta-se grandes vantagens com a possibilidade de auferir enormes lucros, originados da expansão do capitalismo nos países periféricos. Esses enormes lucros são possíveis porque novos mercados consumidores são formados nesses países, ademais para o capital financeiro, o qual passa a operar em terras estrangeiras, é possível explorar uma massa de trabalhadores com salários inferiores aos pagos nos países centrais. Também é possível dominar a fonte das matérias primas utilizadas pelos países

centrais, diminuindo os custos em geral e em muitos casos aumentando o poder dos grandes monopólios atuantes em nível mundial. Os países da periferia do sistema são condenados a serem meros exportadores de matérias-primas, muito menos em países onde é desenvolvido um capitalismo autônomo; pois como se viu, as próprias fontes de matérias-primas passam a ser exploradas pelo capital financeiro internacional. Pode-se constatar, por exemplo – 1915 –, ocasião na qual<sup>14</sup>:

Os capitalistas americanos, por seu turno invejam seus confrades ingleses e alemães: ‘Na América do Sul, escreviam eles profundamente magoados em 1915, cinco bancos alemães têm 40 sucursais e 5 bancos ingleses têm 70... A Inglaterra e a Alemanha ao longo dos últimos vinte e cinco anos investiram cerca de 4 bilhões de dólares na Argentina, no Brasil e no Uruguai, o que fez com que eles beneficiem de 46% do total do comércio destes três países’. (LÊNIN, 1985, p. 65)

Mas as vantagens da exportação de capitais não param por aí: quando os grandes bancos exportam capitais, não para atuarem diretamente em determinado ramo industrial, não raro se concede o empréstimo de capital-dinheiro com a condicionalidade de a estrutura do parque industrial a ser montado no país atrasado, ter de ser adquirida de uma empresa indicada pelo banco, ou em muitos casos, de uma empresa adquirida ou fundida com o banco - do capital financeiro em si mesmo. Assim, a própria construção das estradas de ferro nos países da periferia foi amplamente financiada e estimulada pelos países desenvolvidos, mas em todos os casos os empréstimos de capital-dinheiro ao ente político desses Estados subdesenvolvidos, foram efetuados com garantia e certeza de a estrutura da rede ferroviária ser importada do país sede do capital financeiro.

Verifica-se com base em Lênin (1985), como o capital financeiro, na medida da ampliação do mercado mundial, vem amparado pelo próprio auxílio do Estado no que diz respeito à luta imperialista estabelecida neste mercado, pois:

eis as preciosas confissões que os economistas burgueses da Alemanha se vêem obrigados a fazer. Elas mostram claramente que, na época do capital financeiro, os monopólios privados e os monopólios do Estado, se interpenetram, não sendo mais do que elos da luta imperialista entre os maiores monopólios pela partilha do mundo (1985, p. 71)

Portanto, o capital financeiro se utilizou da velha política colonial para dominar as fontes de matérias-primas e quando a exportação de mercadorias apresentou-se como limitada para as necessidades da reprodução capitalista, o próprio caráter monopolista verificado nos países centrais – EUA, Alemanha, França em especial – difunde-se para outros países, pois, a essência econômica do capital financeiro, do imperialismo, é o capitalismo monopolista.

Aumentam cada vez mais, as zonas de influência do capital financeiro por todas as regiões,

---

<sup>14</sup> A parte sublinhada da citação de Lênin (1985) fora extraída pelo autor do “*The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, vol LIX, Maio, 1915, p. 301”.

quanto mais se desenvolvem os monopólios na indústria e no setor bancário. Os monopólios nacionais têm de ser ultrapassados. O exemplo disso, de acordo com Lênin (1985), pode ser constatado através do monopólio mundial estabelecido pela *General Electric Co*, estadunidense, e a Sociedade Geral de Eletricidade alemã.

Também surgem grandes grupos financeiros como *Rockefeller* – detentores de importante participação no mercado mundial de petróleo, através da *Standard Oil Co* –, ao lado dos *Rothschild* e *Nobel*, proprietários de empresas russas exploradoras de petróleo.

Todavia, a atuação do capital financeiro ultrapassa, segundo Lênin (1985), a constituição de monopólios, trustes e cartéis atuantes em âmbito mundial. Os próprios estados nacionais dos países menos desenvolvidos ou dependentes acabam por se tornarem reféns das políticas do capital financeiro. Se, os Estados dependentes gozam de certa independência política, esta é tanto menor quanto maior é a atuação do capital financeiro externo.

Portanto, para Lênin (1985), o capitalismo adquire a partir do século XX os primeiros traços de uma estrutura econômica e social mais elevada. A gênese dessa estrutura dar-se-á a partir do fim da livre-concorrência e o surgimento dos monopólios capitalistas; inicialmente essa nova estrutura econômico-social se estabelece nos países mais desenvolvidos, do ponto de vista da reprodução capitalista, tendo como característica principal a concentração da produção e do capital, tanto no setor industrial como no setor bancário, seguida da fusão do capital bancário com o industrial, o qual resulta no aparecimento dos grandes monopólios, do capital financeiro, da oligarquia financeira. A substituição de boa parte da acumulação de capital, via exportação de mercadorias e mediante o surgimento da exportação de capitais de per si; a própria partilha do mercado mundial pelas associações monopolistas - em especial pela Inglaterra, a Alemanha e os Estados Unidos – ratifica o aparecimento da fase superior do capitalismo: o imperialismo.

Eis a gênese dos *rentiers*, uma nova categoria na classe capitalista, os quais, estranhos à esfera produtiva, auferem enormes rendimentos. Nesse sentido,

O rendimento dos rentistas é cinco vezes mais elevado do que aquele que provém do comércio externo e isso no país mais “comerciante” do mundo! Tal é a essência do imperialismo e do parasitismo imperialista.

Também a noção de “Estado-rentista” (*rentnerstaat*) ou “Estado-usurário” se torna de uso corrente na literatura econômica que versa sobre o imperialismo. O mundo encontra-se dividido entre um punhado de Estados-usurários e uma imensa maioria de Estados-devedores (LÊNIN, 1985, p. 99-100).

Por último, se faz relevante observar o status da classe trabalhadora em sua relação com o capital financeiro. Esta, para Lênin (1985), sempre se encontra sob fortes tentativas de cooptação de seus melhores quadros, momento no qual o capital financeiro oferece melhores salários, a possibilidade de ascensão a melhores cargos, a criação de associações desportivas e religiosas onde



trabalhadores e capitalistas aparentemente são iguais, gostam das mesmas diversões e praticam os mesmos esportes. É o capital financeiro mantendo vivo o espírito burguês, para encobrir as relações sociais de produção. Por isso, a tarefa política está em evidenciar que o capital financeiro, o imperialismo – fase superior do capitalismo – aprofunda a exploração dos trabalhadores em prol da acumulação de capital, e longe de inserir os trabalhadores num mundo de fartura material, acabará por aumentar ainda mais o seu fardo.

Nesse sentido, de acordo com Lênin (1986), eis a importância histórica da ditadura do proletariado<sup>15</sup>. Esta deverá assumir a condução da transição do capitalismo para a primeira fase do comunismo, ou seja, o socialismo. A democracia para os ricos, típica do capitalismo, converter-se-á em uma democracia para o povo (maioria), a qual traz em seu seio a socialização dos meios de produção. O Estado nessa fase – Estado proletário –, continuará existindo, pois ele deverá controlar a propriedade dos meios de produção, e os trabalhadores, transformar-se-ão, em empregados assalariados do Estado. A produção da riqueza material social, deverá visar tão somente as necessidades do povo.<sup>16</sup>

#### **4 O capital financeiro em Bukharin<sup>17</sup>**

Observando a economia mundial, Bukharin (1984) identifica que a grande problemática apresentada no capitalismo do século XX é a do imperialismo. Este surge a partir da segunda metade do século XIX como resultado de determinado nível de desenvolvimento histórico, que deixa para trás um período na história do capitalismo onde prevalecera a livre concorrência entre empresas individuais.

Analisando o início do século XX constata que “a extraordinária rapidez de expansão da economia mundial, no decorrer destes últimos decênios, foi provocada pelo surpreendente desenvolvimento das forças produtivas do capitalismo internacional” (1984, 27). Isso pode ser constatado em especial através do extensivo desenvolvimento do comércio internacional de mercadorias, da migração da força de trabalho – em especial do Velho Mundo e da Ásia para a América e outras partes -, bem como, pela exportação de capital-dinheiro a juros ou mesmo para inversão.

Se faz relevante perceber como os três fenômenos destacados são, nada mais nada menos,

---

<sup>15</sup> O próprio processo de transição, para Lênin (1986), não se efetivará de forma pacífica. Será preciso a utilização de armas pelo proletariado, e mesmo após a tomada do poder do Estado, continuará a necessidade da repressão da classe capitalista (minoridade) pela classe trabalhadora (maioria). E isso será tanto mais necessário, quanto maior for a resistência burguesa.

<sup>16</sup> Lênin (1986) entende ser importante, após o advento do socialismo, a transformação da sociedade em uma grande fábrica, com igualdade de trabalho e salário para todos. Entende-se que isso, não passa de um equívoco teórico, pois a desnecessidade de parte da classe trabalhadora, para a produção da riqueza material social, já aparece como produto histórico do próprio desenvolvimento do modo capitalista de produção, conforme aponta Carvalho (2011).

<sup>17</sup> Obra publicada em 1917

que expressão da dinâmica da acumulação de capital, que *pari passu*, ultrapassa as possibilidades da reprodução do capital no Estado nacional, e que torna a exportação de capital a juros ou para inversão direta em ações para o controle de grandes empresas ou ainda, para mero recebimento do rendimento, em um dos elementos essenciais desse processo. Portanto, Bukharin (1984,37) coloca que

“a exportação de capitais tem duas formas principais: 1) como capital a juros; 2) como capital-lucro.

Podem distinguir-se ainda diferentes formas e variedades no contexto dessa classificação. Num primeiro plano, os empréstimos governamentais e municipais. O formidável crescimento do orçamento do Estado, provocado tanto pelas complicações ocorridas, de maneira geral, na vida econômica, como pela militarização de toda a economia nacional, suscita, para cobrir as despesas, uma necessidade sempre crescente de empréstimos externos. Por outro lado, o desenvolvimento das grandes cidades exige a execução de uma série de trabalhos (construção de ferrovias eletrificadas, instalação de iluminação elétrica, tipos diversos de canalização, serviço de limpeza pública, aparelhagem de aquecimento central, telégrafo e telefone, adaptação de matadouros etc.) cuja execução necessita de grandes quantidades de dinheiro. Quase sempre, elas são obtidas por meio de empréstimos externos. A segunda forma de exportação de capitais é o sistema de “participação”. Um estabelecimento industrial, comercial ou bancário de um país A é proprietário de ações ou obrigações num país B. A terceira forma é o financiamento de empresas estrangeiras, a formação de capital visando a um objetivo preciso: um banco financia uma empresa estrangeira, fundada por outro estabelecimento ou por ele mesmo, ou então uma empresa industrial financia sua própria filial, à qual dá a forma de uma sociedade autônoma; ou ainda, uma sociedade financeira especial financia certas empresas estrangeiras. A quarta forma é a abertura, sem *objetivo preciso*, de crédito que os grandes bancos de um país concedem aos bancos de outros países. (É a forma a que se recorre quando se trata de “financiamento”). Enfim, a quinta forma: a compra de ações estrangeiras etc., *com o objetivo de revenda*.”

Assim sendo, faz-se relevante destacar que - para o autor - essa exportação de capitais é parte da mais-valia auferida pelas grandes empresas nos países desenvolvidos e que na busca por espaços para a reprodução do capital em escala sempre maior, é impulsionada, atraída pelo mercado mundial. Dessa maneira, já no início do século torna-se possível perceber a forte participação por exemplo, de capitais originários dos Estados Unidos em países como Cuba, México, Canadá, América Central e América do Sul; dos capitais da Alemanha em países como a Argentina, Brasil, Cuba, Chile, Bulgária, Japão, Canadá, Itália, China, Finlândia, entre outros; dos capitais da Bélgica nos EUA, Holanda, França, Itália, Egito, Espanha, Congo, Rússia, Alemanha;

Bukharin (1984) também coloca que a exportação de capitais nas suas duas formas – a juro e a lucro – não é apenas privilégio dos países desenvolvidos para os países produtores de produtos agrícolas, mas ocorre entre os próprios países desenvolvidos, que muitas vezes chegam até a reexportar os capitais.

Todavia, esses cartéis, trustes e grandes empresas, vêm acompanhado de uma relação muita intensa com o capital bancário, que por sua vez apresenta-se – nos países mais desenvolvidos - fortemente centralizado e ramificado tanto no setor produtivo, comercial ou mesmo bancário, e que

pouco a pouco, passa a coordenar as atividades de reprodução do capital tanto no mercado interno quanto no mercado mundial capitalista, em especial a partir do momento do seu entrelaçamento com o capital industrial.

Mas se essa forte interferência do sistema bancário nos processos de concentração e centralização do capital – as quais conduzem inevitavelmente ao surgimento dos monopólios, cartéis e trustes – se verificam desde a segunda metade do século XIX, será - para Bukharin (1984) – nos Estados Unidos e Alemanha do início do século XX que esse processo se consolidará.

Nesse sentido, Bukharin (1984, 64) assume explicitamente a definição de Hilferding de capital financeiro:

“O mesmo processo opera-se ainda em larga medida, pela penetração do *capital bancário* na indústria e pela transformação do capital em *capital financeiro*.

Já vimos, nos capítulos precedentes, o imenso alcance da participação financeira nas empresas industriais. Ora, aí está precisamente uma das funções dos bancos modernos.

“Uma parte sempre maior do capital industrial não pertence aos industriais que o põem em circulação. Contam com esse capital apenas por intermédio do banco que, em face deles, representa os proprietários do dito capital. O próprio banco, por outro lado, é obrigado a engajar na indústria uma parte crescente de seus capitais. O resultado é que o banco se transforma, cada vez mais, num capitalista industrial. Esse capital bancário, isto é, esse capital-dinheiro – que é assim efetivamente transformado em capital industrial – eu o chamo de capital financeiro” (grifo nosso para destacar a parte citada de Hilferding)

Portanto, constata-se que a concentração e centralização dos capitais ocorre tanto no sistema bancário quanto na indústria e no comércio, no entanto os bancos assumem a primazia na condução do processo de reprodução do capital, tanto em escala nacional quanto internacional.

## O capital financeiro e seu papel histórico

Bukharin (1984), coloca que a política do capital financeiro é: 1) o aumento da concorrência pela venda de mercadorias; 2) o aumento da concorrência pela posse dos mercados de matérias-primas; 3) o aumento da concorrência pela busca de novas esferas de investimento de capital.

Antes, porém, essa política se processa nas fronteiras dos Estados nacionais mais desenvolvidos, onde a concentração e a centralização do capital atua sobretudo nos principais ramos produtivos, comerciais e de serviços. Observa-se assim, um predomínio de grandes empresas no formato de sociedades anônimas que operam desde os espaços produtivos das mais diversas mercadorias, até o sistema bancário. Como se demonstrou anteriormente, para Bukharin (1984) essa concentração e centralização do capital perpassa os principais *locus* de reprodução do capital e o que se verifica para esse autor, é um forte entrelaçamento dos grandes bancos com as grandes empresas atuantes nas mais diversas esferas, ou seja, uma parte cada vez maior do capital-dinheiro

ocioso nesses grandes bancos que se transmuta em capital industrial. É o surgimento do capital financeiro atuando nos espaços nacionais, mas que com a limitação desses espaços tem de expandir suas fronteiras, tem de ir para o mercado internacional e impor sua política, uma política imperialista.

Portanto, a concorrência vai desaparecendo gradualmente nos limites do Estado nacional, e assume ela uma grande importância no mercado mundial, pois esse espaço passa a ser o espaço de excelência dos capitais financeiros dos países com maior grau de desenvolvimento econômico; ocorre uma grande luta desses capitais financeiros associados com os seus Estados nacionais de origem na busca pelo escoamento de mercadorias, pela conquista de fontes de matérias-primas e pela exportação de capitais.

Note-se que esse capital financeiro em sua luta concorrencial mundial, está sempre acompanhado do Estado, e para Bukharin (1984), se a concorrência exigir o poderio militar, o capital financeiro não hesitará, pois para fazer prevalecer os interesses das classes dominantes lança mão de qualquer artifício quando necessário, e “*Nesse sentido, o militarismo é um fenômeno histórico tão típico quanto o capital financeiro*”.(1984, 120)

Apesar de Bukharin estar se referindo aos movimentos da grande burguesia, sobretudo a detentora das ações dos grandes oligopólios, monopólios, trustes industriais e bancários no início do século XX, percebe-se que na contemporaneidade isso continua a se ratificar, basta observar os movimentos dos Estados nacionais com as forças produtivas mais desenvolvidas no final do séc. XX e início do séc. XXI em regiões como o Afeganistão, o Iraque, Síria, Ucrânia, Israel e a Palestina, locais onde se instalaram ou se pretende instalar grandes companhias de construção civil e exploração de petróleo – em especial apoiadas pelo governo estadunidense<sup>18</sup>.

Então, como parte dessa política imperialista, aparecerá a guerra como um componente importante para a reprodução do capital, pois para além de garantir novos mercados e novas fontes produtoras de matérias-primas para os países dos Estados nacionais mais desenvolvidos, a guerra destrói parte importante das forças produtivas dos países beligerantes, e isso sempre abre possibilidade para o capital financeiro se reproduzir em escala ampliada, pois novas estradas de ferro terão de ser construídas, novas usinas, novas rodovias, novos instrumentos de combate militares, sendo que tudo isso – para Bukharin (1984) – fará aumentar a demanda e reforçará a posição do capital financeiro. Também o Estado participará de alguns monopólios ou oligopólios – sociedades de economia mista -, trustes e até cartéis, importantes para a criação de uma estrutura econômica sobre a qual se assentará o espaço dinâmico da reprodução do capital. Assim, em tempos

---

<sup>18</sup> A esse respeito, a importância da atuação estatal através do militarismo na busca de novos mercados e garantias de fontes produtoras de matérias-primas, bem como pelo dinamismo econômico da indústria armamentista, são muito elucidativos os filmes “Tiros em Columbine” e “Fahrenheit 11 de Setembro” de Michael Moore, cineasta documentarista e escritor estadunidense.

de guerra e no pós-guerra, também se manifesta um aumento da dívida pública, sem a qual os Estados nacionais mais desenvolvidos, nem tampouco os menos desenvolvidos, conseguem fazer frente ao aumento considerável das despesas decorridas dos gastos militares e mesmo da reconstrução dos arsenais de guerra.

Vale lembrar a importância do Estado nacional alemão e estadunidense durante a guerra de 1914-1918 e posteriormente 1939-1945, que ratifica a constatação de Bukharin(1984) de que as grandes empresas e os grandes bancos estadunidenses, juntamente com o ente político desse país, assumiriam uma hegemonia mundial.<sup>19</sup> No entanto, é significativo perceber também que tanto a Primeira como a Segunda Grande Guerra foram lutas encarniçadas pelo posto hegemônico político, econômico, social e militar em nível mundial pelos países com maior grau de desenvolvimento das forças produtivas.<sup>20</sup>

Ademais, foi criado ideologicamente pela política imperialista do capital financeiro um novo paradigma: o patriotismo operário ou o social-patriotismo<sup>21</sup>. Esse novo paradigma fizera com que a classe operária dos países industrializados se aliasse aos grandes trustes nacionais na luta pela concorrência do mercado mundial, pois isso representaria a possibilidade de melhores salários e muitas vezes até participação nos lucros. Até mesmo as guerras imperialistas foram apoiadas por boa parcela da classe trabalhadora desses países, e mais do que isso, sustentadas por essa classe, pois é a única que exerce a atividade militar de base, que está na *front*.<sup>22</sup>

---

<sup>19</sup> Os países aliados foram EUA, Inglaterra, França, Rússia e China e os países do eixo foram Alemanha, Itália e Japão

<sup>20</sup> Para os que não compreenderam ainda a importância do alcance da luta de classes para além da iniciativa privada, Bukharin(1984) esclarece que “o modo de produção capitalista baseia-se no fato de que os meios de produção se acham monopolizados pela classe capitalista sobre as bases da economia mercantil. A esse respeito, pouco importa, em princípio, que o Estado seja a expressão direta dessa monopolização, ou que esta decorra da “iniciativa privada”. Num e noutro caso, conservam-se a economia mercantil (em primeiro plano, no mercado mundial) e – o que é ainda mais importante – as relações de classe entre o proletariado e a burguesia. (1984, 149).

Aqui nota-se o equívoco do brilhante sociólogo contemporâneo Wallerstein (1999) e (2005), o qual acredita que “um outro mundo é possível” somente a partir dos movimentos sociais anti-capitalistas que não passem pela esfera do político. Para esse autor, os movimentos sociais organizados perderam a crença na política, e por sua vez da possibilidade do poder do Estado – ente político - ser um espaço de transformação social, dado que todos os movimentos políticos pós 45 como a new left, os movimentos de libertação nacional, os movimentos verdes, os desenvolvimentistas, os movimentos keynesianos, pós- keynesianos e neo-keynesianos, fundamentados sobre a doutrina comunista ou liberal, fracassaram em suas propostas de inclusão social e melhoria no campo dos direitos humanos elementares, a exemplo da saúde, educação, saneamento e habitação.

<sup>21</sup> Eis aqui por que bukharin decreta a falência da Internacional Socialista e a impossibilidade do Superimperialismo de Kautsky – possibilidade de um capitalismo pacífico. “Hoje, constatamos algo análogo no patriotismo de “aldeia” que assola as empresas particularmente qualificadas. Um exemplo temos nas fábricas de Ford, “pacifista” americano que também é muito conhecido (ao mesmo tempo fornecedor de guerra). Ali, os operários são submetidos a uma verdadeira seleção, beneficiam-se de prêmios de todo o gênero e participam dos lucros sob a expressa condição de afeiçoar-se à empresa. O resultado é que, mistificados, os operários “entregam-se” a seu senhor. (1984, 154).

<sup>22</sup> Sobre essa questão, a importância que assume a classe trabalhadora na guerra, basta observar que a composição do exército estadunidense na atualidade, se faz com muitos estrangeiros, em especial latinos. São eles que estão nas lutas do Iraque, Afeganistão. Ver também o filme de Michael Moore “Fahrenheit 11 de Setembro”. Outro exemplo pode ser

Contudo, se até o final do século XIX o capital financeiro com sua política imperialista promovia guerras sempre que necessário para o andamento da reprodução do capital, e os custos dessas recaíam sobre os selvagens – trabalhadores - dos países colonizados, será a partir das guerras do século XX – promovidas pelo capital financeiro com o amplo apoio do Estado imperialista – que os prejuízos do imperialismo se reverterem também sobre os trabalhadores europeus e do norte da América<sup>23</sup>.

Essa é a tendência - para o autor - do capitalismo mundial, ou seja, através do capitalismo financeiro e sua política imperialista – conforme explicitado -, a concentração e centralização dos capitais atingem níveis sem precedente. A concorrência do grande capital financeiro no mercado mundial substitui o colonialismo, cada vez mais, pela guerra entre os próprios países industrializados. Essa guerra traz em seu seio o despertar da classe trabalhadora, pois agora, os trabalhadores dos países com maior grau de desenvolvimento produtivo percebem que a burguesia é o grande agente do capitalismo, e o Estado, um Estado imperialista, a serviço dessa burguesia, a serviço do capital financeiro.

Finalmente, percebe-se que Bukharin acredita que se inicia um momento histórico em que as massas populares começam a pegar em armas e se levantar contra o Estado imperialista. Para esse autor, a segunda década do século XX parece ser o início de um processo de tomada do poder do Estado imperialista, que dará início à ditadura do proletariado.

## **5 Considerações finais**

Como se pode verificar ao longo desse artigo, o conceito de capital financeiro abordado pelos três autores, refere-se à união do capital bancário com o capital industrial e tem suas origens em Hilferding. Tanto Lênin quanto Bukharin assumem a mesma definição exposta por Hilferding, com a diferença no caso de Lênin, o qual entende que Hilferding não dá o devido destaque à concentração da produção e do capital na definição do referido conceito e como essa se reflete no surgimento dos monopólios. Mas um ponto relevante diferencia os autores: é o fato de que Hilferding considera que o capital financeiro tem seu surgimento na Alemanha e nos EUA do início do século XX, enquanto Lênin e Bukharin percebem o mesmo fenômeno como próprio da Inglaterra, Alemanha e EUA.

Outro ponto em comum entre os respectivos autores diz respeito à importante aliança dos Estados-nação centrais com o capital financeiro nos marcos da concorrência internacional, visando

---

constatado pelas tropas do exército brasileiro que a partir de 2004 assumiu o comando da Missão das Nações Unidas de Estabilização do Haiti.

<sup>23</sup> Não há dúvidas que Bukharin (1984) se refere em especial à primeira Grande Guerra que acabara de se iniciar quando terminara sua obra “A economia mundial e o imperialismo”.

a exportação de mercadorias, capitais, o domínio das fontes de matérias-primas bem como a conquista de novos mercados. Assim, o imperialismo vai ser definido como o capital financeiro dos países centrais em sua fase monopolista, o qual tem de expandir-se e atuar nos marcos do mercado mundial conquistando novos mercados.

Por último, cabe destacar como cada autor se defronta com a atuação da classe trabalhadora frente a atuação e expansão do capital financeiro. Hilferding entende que a tendência do capital financeiro é o controle social da produção nos seus mais diversos setores por parte de uma oligarquia. Assim, tão logo o capital financeiro tenha controlado os setores mais importantes, o proletariado deveria através do Estado expropriar a burguesia, mas note-se, essa deveria ser a política do proletariado a partir de seu partido independente. Para Lênin, dado que o capital financeiro conduz o proletariado ao aumento da exploração, é necessário o estabelecimento da ditadura do proletariado e o advento do socialismo. Lênin entende que essa fase transitória para a primeira fase do comunismo não será pacífica, e que será necessário o estabelecimento de uma democracia para o povo, com a socialização dos meios de produção a cargo do Estado e sob o controle dos proletários. Transformar a sociedade numa grande fábrica, com igualdade de trabalho e salário para todos deverá ser prioridade. Bukharin ao destacar a relação do capital financeiro com a classe trabalhadora, percebe, apesar das mazelas do capitalismo para os verdadeiros produtores, o engajamento desta, nos países de capitalismo avançado, quando da luta concorrencial do mercado mundial, sendo esse movimento tanto mais forte quanto maiores as possibilidades para a venda da força de trabalho com melhores salários, e, inclusive, certa participação nos lucros. Até mesmo as guerras, fomentadas até o final do século XIX eram, de acordo com o autor, apoiadas e sustentadas com a ação da classe trabalhadora. Mas, a própria guerra acabaria por politizar os operários e tornar visível o antagonismo de classe existente no centro do capitalismo, ou seja, o proletariado, esgotado de ser o *front* para a expansão da política do capital financeiro, do imperialismo, voltar-se-ia contra o poder do Estado imperialista e iniciar-se-ia assim, a ditadura do proletariado.

Finalmente, os clássicos da temática do capital financeiro abordados nesse artigo, apresentaram suas obras no início do século XX, dando destaque para a crescente concentração e centralização do capital no âmbito industrial e bancário, bem como o crescente papel do crédito na reprodução capitalista, que a cargo dos bancos potencializou a difusão dos monopólios, oligopólios e cartéis e o aparecimento das sociedades anônimas. Se faz relevante destacar que os três autores apresentados neste artigo trabalham com o instrumental teórico elaborado em "O Capital" de Karl Marx, e em se tratando da discussão acerca do conceito do capital financeiro, o qual é a base da discussão apresentada por Hilferding, Lênin e Bukharin, especialmente o livro III da obra de Marx é que influenciou os clássicos na discussão seminal sobre o conceito de capital financeiro. Mas essa influencia se refere, em especial, às discussões sobre o papel do sistema de crédito no modo de

produção capitalista e, como bem destacou Marx no livro III, a base desse sistema de crédito é o capital produtor de juros. Daí que, o desenvolvimento do sistema de crédito, o papel do capital produtor de juros e a atuação dos bancos como os comerciantes por excelência desse capital-dinheiro de empréstimo, segundo Marx, irão contribuir depois da segunda metade do século XIX, para a concentração e centralização do capital nos âmbitos produtivo, comercial ou mesmo bancário, bem como para o surgimento das sociedades anônimas, empresas de capitalistas associados.

Por último, há que se deixar claro: 1) que Marx não apresentou o conceito de capital financeiro em sua obra, e nesse sentido, constata-se que o capítulo XIX do Livro 3 Volume 5 na tradução brasileira (2008) de “O capital” tem como título o “Capital financeiro”, no entanto é um erro de tradução, e isso pode ser ratificado com a tradução apresentada pela *Siglo Veintiuno* Editores, México 10ª edição, 1989, Tomo III, Vol. 6 do Livro Terceiro, capítulo XIX intitulado “El capital dedicado al tráfico de dinero”; 2) que a referência de Marx ao conceito de capital industrial, demonstrado no livro II de “O Capital”, é uma referência à todo o capital em movimento ao longo do seu ciclo de produção e reprodução, unidade do processo de produção e do processo de circulação, o que significa dizer que ao estar em movimento no seu processo de valorização, o capital assume três formas funcionais a saber: a forma funcional de capital dinheiro, a forma funcional de capital produtivo e a forma funcional de capital mercadoria. Portanto, entende-se que ao se referirem ao capital industrial, os três autores clássicos apresentados se referem apenas à forma funcional de capital produtivo e desconsideram o capital em sua totalidade e em movimento. Neste sentido, a principal limitação decorrente é que os estudos acerca do capital financeiro não conseguem esclarecer como se dá a apropriação do produto excedente através das sociedades anônimas - forma mais avançada da organização social da produção -, tampouco como o capitalista produtivo deixa de ser necessário no gerenciamento do processo de reprodução, desaparecendo sua função com o surgimento das SA's e, desaparecendo juntamente com ela a categoria de lucro de empresário, posto que todo o processo de reprodução é posto a cabo única e exclusivamente por trabalhadores. Ainda, como toda a mais-valia passa a ser convertida em juro/dividendo/rendimento dos acionistas por deterem uma quota parte da propriedade acionária.

## Referências

BORÓN, Atílio (2002) **Como democratizar o poder mundial?** Porto Alegre: 2002. Disponível em: <http://www.google.com.br/search?q=cache:u-9Q0453q20C:blznet.com.br/maranhaodosu...> Acesso em 11 dez. 2002

BUKHARIN, Nicolai I. **A economia mundial e o imperialismo**. São Paulo. Abril Cultural, 1984.



CARVALHO, Wolney R. **Uma Crítica das teorias do capital financeiro: o capital produtor de juros no mais alto grau**. Tese de doutorado. Programa de Sociologia Política. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011.

CHESNAIS, François. **A “Nova Economia”**: uma conjuntura própria à potência estadunidense. In: Uma nova fase do capitalismo? 1ª ed. São Paulo: Xamã, 2003.p 43-70-

FIGUEIREDO, Ferdinando O. **Hilferding e “ O capital Financeiro”**. Texto para discussão. IE/Unicamp, Campinas, n. 60, set 1997.

HILFERDING, Rudolf. **O capital financeiro**. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

LÊNIN, Vladimir I. **O imperialismo**: fase superior do capitalismo. São Paulo. Global, 1985.

LÊNIN, Vladimir I. **O estado e a revolução**. São Paulo. Hucitec, 1986.

MARX, Carlos. “El capital dedicado al tráfico de dinero”. Tomo III, Vol. 6 do Libro Tercero, capítulo XIX. **EL CAPITAL**. 10ª ed. México: Siglo Veintiuno Editores, 1989.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. Livro 2, vol 3. 12ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. Livro 3, vol 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. Livro 3, vol 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

TAVARES, Maria C e BELLUZZO, Luiz G. M. (1981) **Capital financiero y empresa multinacional**. In: \_\_\_\_\_. Nueva fase del capital financiero. 1ª ed. Ciudad del México: Editorial Nueva Imagem, 1981. p. 35-47.

WALLERSTEIN, Immanuel. **“A reestruturação capitalista e o sistema-mundo”**. In: GENTILLI, Pablo (Org.). Globalização excludente. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

WALLERSTEIN, Immanuel. **“O que significa hoje ser um movimento anti-sistêmico”**. In: LEHER, Roberto e SETÚBAL, Mariana (Org.). Pensamento crítico e movimentos sociais: diálogos para uma nova práxis. São Paulo: Cortez, 2005.